

On Mass Hysteria. Uma protolinguagem de protesto

On Mass Hysteria: A Proto-language of Protest

Gabriela Traple Wieczorek*

Recebido em
15/10/2025

Aprovado em
02/11/2025

*Gabriela Traple Wieczorek é doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possuindo título de mestre em Artes Visuais pela mesma instituição com a dissertação *Nos Queremos Vivas: Arte Contemporânea Sobre Femicídio no Brasil e no México*. Além de pesquisar as intersecções entre arte, feminismos e práticas sociais, atuou em iniciativas de ativismo ligadas ao Movimento de Mulheres Olga Benário, em Porto Alegre - RS, em colaboração com a artista Mônica Mayer. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7471-8582>

Como citar:

Wieczorek, G. T. (2025). On Mass Hysteria. Uma protolinguagem de protesto. *Imagem: Revista de História da Arte*, 7(2), 411-419. DOI: <https://doi.org/10.34024/f5qfn483>

Resumo:

O livro de artista *On Mass Hysteria: A Proto-Language of Protest* (2024), de Laia Abril, investiga as crises psicogênicas em massa como uma linguagem coletiva e inconsciente de protesto contra sistemas de opressão e trauma transgeracional. Inserido no projeto *A History of Misogyny*, o livro utiliza documentação histórica e três estudos de caso contemporâneos (México, Camboja e EUA), detalhando supostos surtos de histeria em grupos de mulheres e meninas que compartilham ambientes de controle estrito, como internatos e fábricas. Através da coleta de entrevistas e relatos, Abril destaca que fatores socioeconômicos, negligência e a pressão social atuam como gatilhos para a manifestação física do sofrimento. Ao focar em contextos de opressão social e política, a obra redireciona a narrativa, criticando a tendência de culpabilização das vítimas, defendendo que a “histeria” é, na verdade, a expressão de uma doença coletiva.

Palavras-chave:

Livro de artista
Histeria coletiva
Feminismo
Misoginia

Abstract:

The artist's book *On Mass Hysteria: A Proto-Language of Protest* (2024), by Laia Abril, investigates mass psychogenic crises as an unconscious, collective language of protest against systems of oppression and transgenerational trauma. Part of the *A History of Misogyny* project, the book uses historical documentation and three contemporary case studies (Mexico, Cambodia, and the USA), detailing alleged hysteria outbreaks in groups of women and girls who share strict control environments, such as boarding schools and factories. Through collected interviews and testimonies, Abril highlights that socioeconomic factors, neglect, and social pressure act as triggers for the physical manifestation of suffering. By focusing on contexts of social and political oppression, the work redirects the narrative, criticizing the tendency to blame the victims, arguing that 'hysteria' is, in fact, the expression of a collective illness.

Keywords:

Artist's book
Mass hysteria
Feminism
Misogyny

On Mass Hysteria. Uma protolinguagem de protesto¹

Abril, L. (2024). On Mass Hysteria: A History of Misogyny. Dewi Lewis Publishing

A obra da artista multidisciplinar e professora catalã Laia Abril se debruça sobre como a misoginia permeia a sociedade a partir de uma metodologia que cruza a pesquisa de documentação histórica (incluindo objetos e cultura visual) com a coleta de testemunhos e relatos contemporâneos, resultando em exposições e publicações de livros de artista (Silveira, 2008, p. 25). *On Mass Hysteria: A Proto-Language of Protest* (Figura 1), publicação em que Abril propõe, sob uma perspectiva feminista, como as crises psicogênicas em massa podem constituir

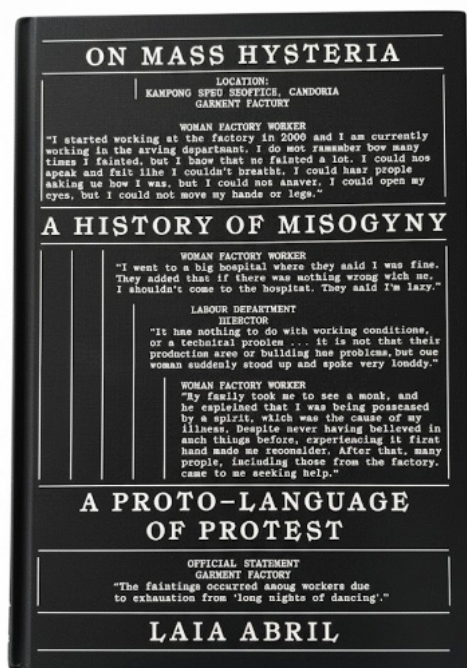


Figura 1.
Capa do livro *On Mass Hysteria: A Proto-language of Protest* (2024).

uma linguagem coletiva e inconsciente de protesto contra sistemas de opressão, dor coletiva e trauma transgeracional, é o terceiro livro do projeto de longa duração *A History of Misogyny*. O projeto, que aborda de forma crítica o controle sistêmico dos corpos das mulheres ao longo da história em diversas culturas, foi iniciado em 2018 com a publicação de *On Abortion: And the Repercussions of Lack of Access*, que aborda as consequências da falta de acesso legal e seguro ao aborto, criticando as instituições que criminalizam mulheres e meninas por buscarem a autonomia

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

corporal. Em 2022, Abril publica o segundo livro da série, intitulado *On Rape: And Institutional Failure*, sobre a cultura do estupro, as instituições que a perpetuam, e as falhas sistêmicas e preconceitos que persistentemente culpabilizam as vítimas de violência sexual.

O conceito de livro de artista é abordado por Paulo Silveira em *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*, afirmando que, em sua forma mais tradicional, o livro de artista pode ser definido como “obra em forma de livro, inteiramente concebida pelo artista e que não se limita a um trabalho de ilustração” (2008, p.25), e que frequentemente possui uma proposta formal ou conceitual que o distingue do livro tradicional. Silveira (2008, p. 21) o define como uma categoria artística marcada por sua mídia, que abarca desde o livro até o não-livro, e que se manifesta na tensão entre o respeito à tradição e a ruptura ou transgressão formal e espiritual. Já Lucy Lippard o define da seguinte forma:

Não sendo um livro de arte (reproduções colecionadas de obras de arte separadas) nem um livro sobre arte (exegeses críticas e/ou escritos de artistas), o livro de artista é uma obra de arte em si, concebida especificamente para o formato livro e, frequentemente, publicada pelo(a) próprio(a) artista. Pode ser visual, verbal ou visual/verbal. Com poucas exceções, é uma peça única, consistindo em uma obra seriada ou em uma série de ideias e/ou imagens intimamente relacionadas — uma exposição portátil (Lippard, 1985, p. 45, tradução nossa).

O tema da misoginia, das violências patriarcais, e suas representações já havia sido abordado por outras artistas feministas em projetos com o mesmo tipo de suporte a partir da década de 1970 (Princenthal, 2019), como Suzanne Lacy com *Rape Is* (1972), Nancy Spero com *Torture of Women* — elaborado em 1976 e publicado postumamente em 2010 —, e *Lustmord* (1998) de Jenny Holzer. Assim como Laia Abril, as obras de Spero e Holzer também foram apresentadas na forma de exposição. A publicação de Suzanne Lacy foi produzida no contexto do *Feminist Art Program* da CalArts e exibida com obras de outros artistas.

Apesar de ser a terceira publicação da série sobre a misoginia, *On Mass Hysteria* é tido por Abril como o capítulo gênese do trabalho, já que sua pesquisa iniciou em 2016 no Nepal durante o processo de desenvolvimento de outra obra, *Menstruation Myths*. A artista encontrou um artigo da publicação *Times of India*

sobre um suposto caso de histeria em massa que afetava meninas de uma escola nepalesa. Segundo Abril (2024, p. 2) o artigo atribuía os desmaios das alunas ao fato de a escola contar somente com professores e equipe do sexo masculino. A partir de então, começou a coletar registros de casos similares e a se aprofundar na literatura e documentação sobre o tema, das imagens produzidas por Jean-Martin Charcot no hospital Salpêtrière em Paris, aos escritos do sociólogo da saúde Robert Bartholomew, do psiquiatra e epidemiologista Simon Wesley, e da antropóloga Aihwa Ong.

Em termos de estrutura, o livro possui quatro tipos de conteúdo: entrevistas, estudos de caso, colagens documentais, e imagens fotográficas de arquivo intercaladas aos demais conteúdos, além de um breve texto introdutório redigido pela artista. Os estudos de caso selecionados por Abril foram três: uma epidemia de paralisia no internato católico feminino *La Villa de Niñas* em Chalco, região metropolitana da Cidade do México, ocorrida em 2007; uma epidemia de desmaios que acometeu milhares de trabalhadoras em fábricas da indústria têxtil no Camboja entre 2012 e 2024; e um surto de tiques e espasmos musculares incontroláveis que acometeu as alunas de uma escola em Le Roy, estado de Nova Iorque, no ano de 2012. Os estudos de caso contam com documentação e registros fotográficos, transcrição de áudios de depoimentos, e citações das autoridades envolvidas justapostas a imagens que aludem a cada acontecimento. Em todos os casos, as identidades das pessoas afetadas pela condição foram preservadas.

Laia Abril realizou cinco entrevistas sobre a temática do livro, a entrevista que abre a publicação é com o já mencionado Robert Bartholomew e a entrevista que encerra o livro foi conduzida com o também supracitado Simon Wesley. Ambos fornecem um panorama sobre a doença psicogênica de massa², comentando sobre casos mencionados no livro, sintomas, similaridades entre casos em diferentes períodos históricos e as respostas e percepções da sociedade, ressaltando condições de estresse e vulnerabilidade dos grupos afetados. Cada uma das outras três conversas acompanha um dos estudos de caso, tendo sido realizadas com profissionais envolvidas de alguma forma.

A antropóloga física Josephina Ramírez, que estudou o caso das 600 internas indígenas do colégio *La Villa de Niñas* por uma década, ressalta o ambiente opressivo do internato dirigido por freiras coreanas católicas e a negligência sofrida pelas

2 A Doença Psicogênica em Massa (DPM) é um fenômeno sociopsicológico de massa caracterizado pela manifestação dos mesmos ou semelhantes sintomas em mais de uma pessoa em uma população, sem que haja um agente infeccioso responsável pelo contágio. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki?curid=6925936>. Acesso em 3 de nov. 2025.

meninas. Além da proibição dos idiomas de suas comunidades originárias (Abril, 2024, p.98), as meninas eram punidas se ficassem a menos de um metro e meio de distância das colegas ou chorassem (Abril, 2024, p. 49). Distribuição de comida imprópria para consumo e supressão do ciclo menstrual das alunas com o uso de “poções” para evitar “fluidos impuros” (Abril, 2024, p.99) também foi registrada. Antes da epidemia de paralisia, casos de suicídio entre as internas haviam ocorrido (Abril, 2024, p. 99). A partir do contato com a pesquisa de Ramírez, Abril afirma que a epidemia pode ter sido uma resposta física ao trauma coletivo, “uma tentativa inconsciente de se libertar de um sistema opressor” (Abril, 2024, p. 49, tradução nossa).

A entrevista que acompanha o segundo estudo de caso foi realizada com a geógrafa humana Sabina Lawreniuk, que trabalhou em conjunto com a comunidade afetada e pesquisa iniciativas de ativismo com perspectiva de gênero entre as trabalhadoras da indústria têxtil cambojana. As condições extremamente precárias do transporte das trabalhadoras até o chão da fábrica, os baixos salários e o ambiente de intensa pressão — e onde assédio moral, físico e sexual são acontecimentos rotineiros —, são ressaltados (Abril, 2024, p. 209). Negligenciadas e lidando com crises de saúde mental e desmaios, as trabalhadoras iniciaram um movimento por melhores condições que resultou em greves em 2014, pelas quais sofreram represálias das empresas, do governo e da mídia. Abril (2024, p. 161) também destaca as questões espirituais do país. Mencionando que as instituições envolveram a participação de monges e a criação de altares nas fábricas como um método de “reconciliação e restauração da harmonia”. E lembra que muitas das confecções foram instaladas em prédios construídos por empresas estrangeiras em terrenos usados como valas comuns durante o regime de Pol Pot (1975–1979), um ato colonial e de desrespeito aos espíritos que ali habitam.

O terceiro estudo de caso é acompanhado de entrevista realizada com a neurologista pediátrica Jennifer McVige, encarregada dos cuidados e do diagnóstico de quinze das dezessete estudantes em uma escola da cidade de Le Roy acometidas pelo surto de tiques e espasmos musculares incontrolláveis em 2012. As meninas tinham entre doze e dezoito anos e a cidade, em declínio econômico após a perda de postos de trabalho na indústria, possuía em médio 7.500 habitantes, transformando a situação em um evento de mobilização de toda a comunidade. De acordo com McVige (Abril, 2024, p. 323), as causas foram variadas, desde pressão acadêmica e incertezas sobre o futuro, até experiências com abuso e gravidez na adolescência, passando por situações nas quais as meninas se tornaram as principais cuidadoras

de pais doentes. A combinação desses fatores com a pressão social do convívio próximo em uma comunidade tão pequena e o uso das redes sociais transformou o caso em um fenômeno midiático no país. Segundo Laia Abril:

O advento do Facebook durante este período marcou uma das primeiras instâncias em que as mídias sociais desempenharam um papel significativo em um surto. Algumas meninas afetadas se filmaram e postaram os vídeos online, acendendo discussões generalizadas nas mídias sociais sobre a autenticidade de seus sintomas (Abril, 2024, p. 273, tradução nossa).

McVige (Abril, 2024, p.323) ressalta que das redes sociais, o caso foi para a mídia tradicional, com as famílias questionando o diagnóstico e as causas apontadas e participando de programas sensacionalistas de televisão como *Dr. Drew*. Conforme a neuropsiquiatra, a comoção da comunidade e a culpabilização das meninas só cessou quando a morte da cantora Whitney Houston foi noticiada, desviando a atenção do caso.

As colagens que complementam a publicação são divididas em 78 verbetes com documentos e verbetes sobre casos de doença psicogênica de massa. Compreendem desde diferentes períodos de caça às bruxas da Europa medieval até a Massachusetts colonial, passando pela possessão das freiras Ursulinas de Loudun, na França, em 1643 — que posteriormente serviria de inspiração para o livro *Os Demônios de Loudun*, publicado por Aldous Huxley em 1952, e o filme *The Devils* do diretor Ken Russell, lançado em 1971 —, até o episódio de tiques induzidos por uso de redes sociais como o TikTok no período de 2021 a 2023. O panorama apresentado pelos verbetes demonstra como os episódios foram influenciados e interpretados pela sociedade em cada época e como acabaram por influenciar a sociedade culturalmente. As histórias abarcadas pelos verbetes podem ser divididas conforme os grupos acometidos pela suposta histeria: freiras, estudantes e trabalhadoras de fábrica. Grupos de mulheres e meninas silenciadas em ambientes de controle rigoroso ou pressão intensa.

A abordagem escolhida por Laia Abril pode ser interpretada como tributária de análises feitas sob uma perspectiva feminista sobre o fenômeno da histeria. Em *O riso da Medusa*, publicado em 1975, Hélène Cixous aborda a questão da histeria feminina de uma maneira radicalmente positiva e subversiva. Ela ressignifica os acontecimentos narrados originalmente por Sigmund Freud envolvendo a

personagem Dora — pseudônimo da paciente Ida Bauer — em *Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria* (1905) como uma forma de insurreição da mulher ao sistema de opressão patriarcal, falocêntrico e às tentativas de domesticação. Cixous reinterpreta um diagnóstico pejorativo e patológico (conforme a tradição psicanalítica e médica), e designando Dora como “mestra do Significante” (Cixous, 2022, p. 52) relaciona corpo e linguagem e interpreta a histeria como uma força que desestabiliza o discurso do homem. Posteriormente, Dianne Hunter analisa os relatos sobre Anna O., pseudônimo de Bertha Pappenheim, presentes na colaboração entre Freud e Josef Breuer publicada em *Studies on Hysteria* (1895). Para Hunter:

O fato de que na cultura popular a palavra “histórica” é frequentemente usada em tentativas de desacreditar a expressão feminista parece derivar da ideia de que tanto as históricas quanto as feministas estão “fora de controle”: nem históricas, nem feministas cooperam de forma submissa com as convenções patriarcais. Penso que a tentativa de desacreditar as feministas como “históricas” provém de um impulso repressivo semelhante à defesa que cria os sintomas históricos em primeiro lugar: a repudição de sentimentos socialmente inadequados, como raiva e ressentimento. A histeria é uma forma de discurso feminino que se autorrepudia, na qual o corpo significa o que as condições sociais impossibilitam de ser declarado linguisticamente (Hunter, 1983, p. 485, tradução nossa).

A pesquisadora também aborda como a histeria é gerada pela pressão social imposta a meninas e mulheres conforme o período histórico em que vivem, e exemplifica afirmando que no século XIX era comum que “o potencial das filhas fosse sacrificado enquanto os filhos eram educados e privilegiados” e que “também estava de acordo com os costumes predominantes que as jovens fossem solicitadas a cuidar de pais idosos e doentes” (Hunter, 1983, p. 470, tradução nossa). Na década de 1990, a pesquisadora Gabrielle Dane (1994) revisita os casos analisados por Cixous e Hunter, os compara com os escritos da romancista experimental Kathy Acker, e sugere que a histeria é uma forma de protesto feminista e um discurso marginal capaz de desestabilizar a ordem linguística e cultural patriarcal. São os mesmos termos empregados por Laia Abril, que opta pelo formato do livro de artista, sem uma narrativa necessariamente linear e em uma publicação menos tradicional para veicular o seu discurso.

Ao reunir documentações e depoimentos sobre a histeria em massa a partir da compreensão do fenômeno como uma doença psicogênica sob um olhar feminista, Abril questiona as visões da sociedade, incluindo análises médicas e acadêmicas, que negligenciam o sofrimento feminino, hipermedicalizam as mulheres e ignoram explicações alternativas. A publicação busca redirecionar a narrativa, afastando-se da culpabilização das vítimas e voltando-se para um exame crítico do papel da opressão social e política na manifestação de doenças coletivas.

Referências

Abril, L. (2018). *On abortion: And the repercussions of lack of access*. Dewi Lewis Publishing.

Abril, L. (2022). *On rape: And institutional failure*. Dewi Lewis Publishing.

Abril, L. (2024). *On mass hysteria: A proto-language of protest*. Dewi Lewis Publishing.

Cixous, H. (2022). *O riso da Medusa* (N. Guerellus & R. F. Bastos, Trans.). Bazar do Tempo.

Dane, G. (1994). Hysteria as feminist protest: Dora, Cixous, Acker. *Women's Studies: An Inter-disciplinary Journal*, 23(3), 231–255.

Hunter, D. (1983). Hysteria, psychoanalysis, and feminism: The case of Anna O. *Feminist Studies*, 9(3), 464–488.

Lippard, L. (1985). The artist's book goes public. In J. Lyons (Ed.), *Artists' books: A critical anthology and sourcebook* (pp. 45–48). Visual Studies Workshop Press.

Princenthal, N. (2019). *Unspeakable acts: Women, art, and sexual violence in the 1970s*. Thames & Hudson.

Silveira, P. (2008). *A página violada: Da ternura à injúria na construção do livro de artista* (2ª ed.). Editora da UFRGS.